



Crônica da Cidade

SERGIO LEO | sergioleo.valor@gmail.com

Aceitem minha democracia aí, pô!

— Querem tolher nossa liberdade, meritíssimo! Sou vítima da censura, do autoritarismo, de quem quer calar nossa opinião! Não deixam nossas ideias se confrontarem pacificamente, depois reclamam quando a turma explode! Já faz um tempo, a gente bateu nela, sim, taokay? Mas ela pediu, meritíssimo! Extremista é ela! Estava armando contra mim!

— ...
— Veja você, meritíssimo, é verdade,

minha turma entrou na casa dela, quebrou vidraça, derrubou coisa, rasgou o quadro do Di Cavalcanti (aliás, bem mal pintado, tudo deformado, uma afronta ao bom gosto da família brasileira, dos homens de bem), arrebitou cadeira... Mas sabe como é, o pessoal se entusiasma, aí pinta um clima, qualquer um perde a estribeira, não é mesmo? E a liberdade individual, onde fica? Tem de ver isso aí!

— ...
— Tudo bem, não precisavam ter usado a mesa de escritório como banheiro e sujado aquilo ali. Tem de dar um desconto, era gente cristã, patriota, de família. Quando viram a injustiça contra mim,

fraude mesmo, exageraram. Quem nunca?

— ...
— Ela era minha, meritíssimo! Como podia escolher outro? Subversão, senhor juiz. E eu já disse uma vez — aliás, várias vezes: subversivo, só apanhando!

— ...
— Sim, eu enviei vídeos aos amigos pedindo para ficarem acampados por perto; falei que eles tinham de sair à rua para mostrar que me apoiavam, contra o arbítrio, a perseguição, pô. Tenho uns amigos militares, sabe? Disciplina. Ordem e progresso. Deus, pátria, família; até insinuei que eles podiam intervir no lance, mas hoje em dia esse mundo está ficando muito

chato, militar não pode nem sair do quartel para ajudar os amigos e lá vem mimimi. Os patriotas do acampamento até cobraram, mas, nem. Já não se faz militar como antigamente, pô.

— ...
— A questão é que ela estava nas mãos de gente imprestável, que falsifica coisas, senhor juiz. Resolveu botar outro para ocupar o lugar que me era de direito! Aí, só matando, prendendo, arrebitando! Aí eu digo: essa turma dos “direitos humanos” tinha de ser mandada para a ponta da praia...

— ...
— Opa, desculpa aí, meritíssimo, me

ameiei aqui, tá okay? Mas eu bem avisei a ela: não vem me acusando de atacar mulher, não! Não tem historinha de se vitimizar! É o tempo todo tentando fazer maldade, querendo me tirar de combate, me desgraçar! Aí tem de entrar na porr... ops, desculpa aí, senhor meritíssimo.

— ...
— Okey, seu juiz, vamos voltar aqui ao assunto, vamos ficar nas quatro linhas aé. A questão é a seguinte, seu juiz, tem de ver aí essa ideologia de gênero, essa ditadura que nem na Venezuela: se eu não posso nem falar e agitar o pessoal pra tirar a liberdade dela, como é que fica a MINHA liberdade? Aí vira comunismo, pô.



Meio de pagamento on-line é realidade distante para uma parcela da população. DF é a unidade da Federação com o índice mais alto de conectividade significativa, ou seja, boa parte dos habitantes têm acesso de qualidade à rede

Revolução distante para milhões de brasileiros

» MARIANA NIEDERAUER
» RAPHAELA PEIXOTO
» YASMIN RAJAB

Os pagamentos via pix revolucionaram o mercado financeiro brasileiro. Há quatro anos, a modalidade era criada, tornando transferências entre contas mais ágeis e simples. Esse novo universo de possibilidades, no entanto, segue inalcançável para milhões de brasileiros, seja pela falta de letramento digital, seja pela dificuldade de acesso à internet e a dispositivos eletrônicos. Fatores como a idade dos usuários e a vulnerabilidade social são os desafios que se impõem para que a ferramenta se torne, efetivamente, democrática, assim como outras plataformas digitais que emergem no mundo globalizado.

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgados em agosto, mais de 22,4 milhões de brasileiros com mais de 10 anos de idade não utilizaram a internet em 2023, o que corresponde a 12% da população nessa faixa etária do país. O número de usuários do pix, por sua vez, cresce exponencialmente a cada mês. Em janeiro, eram 159,6 milhões de inscritos. No mês passado, subiu para quase 170 milhões (incluindo pessoas físicas e jurídicas). Já as chaves cadastradas ultrapassam os 805 milhões. Os dados são do Diretório de Identificadores de Contas Transacionais (DICT), disponíveis no site do Banco Central.

Mesmo estando tão popularizada, a ferramenta ainda passa à margem para uma parcela da população. A resposta do vendedor Rufino Ivaldo, 70 anos, para a recorrente pergunta “tem pix?”, por exemplo, é um não. Ele vende balas e salgadinhos no mesmo local, em Ceilândia, há 14 anos. Apesar de admitir que a escolha teve reflexo nas vendas, é categórico ao afirmar que não pretende mudar de ideia, demonstrando também desconfiança no modelo. “Como vou saber se entrou ou não? Meu menino quer que eu faça, mas eu disse que não. Estou nessa idade, para que mais? Agora é só esperar Deus me levar embora.”

Durante a entrevista, Nathanael Souza, 28 anos, tentou fazer uma compra com Rufino, mas desistiu ao saber que o comerciante não

Ed Alves/CB/DA.Press



Nathanael Souza é adepto da modalidade e adotou em seu negócio

aceitava pix. O jovem trabalha em um lava a jato e, desde a criação da modalidade, decidiu incorporá-la às opções de pagamento do estabelecimento.

Faces da exclusão

Especialistas são unânimes ao afirmar que houve grande evolução no acesso à internet na população brasileira na última década. O coordenador da pesquisa TIC Domicílios, Fabio Storino, desenha um panorama da universalização do acesso à internet no Brasil a partir de dados históricos da pesquisa, que tem como objetivo mapear o acesso às tecnologias da informação e comunicação nos domicílios urbanos e rurais do país e as suas formas de uso por indivíduos de 10 anos de idade ou mais.

Ele contextualiza que, em 2005, 24% da população brasileira com 10 anos ou mais era usuária de internet. Neste ano, a proporção de usuários chegou a 84%. “Até 2019, esse indicador cresceu todos os anos. Houve um crescimento mais acelerado durante a pandemia, quando muita gente precisou da internet para trabalhar, estudar, acessar serviços públicos e até mesmo fazer suas compras cotidianas. Desde então, o indicador de acesso à internet tem ficado mais estável”, observa.

O dado de exclusão digital

Ed Alves/CB/DA.Press



Rufino Ivaldo não aderiu ao pix por opção: prefere manter as vendas apenas em dinheiro

Transformação

obtido pela TIC Domicílios é ainda superior ao da Pnad e indica que 29 milhões de pessoas no país não têm acesso à internet. O desafio para que essas pessoas transitem para um cenário de inclusão digital é de dimensões continentais, como o país. “Conectar todas as pessoas envolve desafios de diversas naturezas: comerciais, tecnológicos e de políticas públicas. Os indicadores da pesquisa TIC Domicílios mostram onde estão os não usuários e contribui para o desenho de estratégias específicas para cada um dos grupos digitalmente excluídos”, afirma Storino.

Outro dado relevante da pesquisa é o de que há uma associação entre as condições de acesso à internet e ao letramento digital. Ou seja, os usuários com as melhores condições de acesso — têm o próprio dispositivo e uma franquia de dados mais alta, por exemplo — são também aqueles que apresentam níveis mais altos de letramento digital e, consequentemente, um maior grau de instrução.

O Distrito Federal é a unidade da Federação com o índice mais alto de conectividade significativa: 31,8% da população estava no mais alto nível de conectividade em 2023, segundo a TIC Domicílios. Foram analisados os elementos de acessibilidade financeira, acesso a equipamentos, ambiente de uso e qualidade da conexão.

Ed Alves/CB/DA.Press



Eliza de Sousa conta com a ajuda do genro, José Inácio

Qualidade

O início oficial do pix ocorreu em 16 de novembro de 2020, quando o Banco Central disponibilizou a modalidade para todas as 734 instituições financeiras cadastradas, momento em que o cenário já era favorável para o sucesso entre os usuários.

A funcionária pública aposentada Eliza de Sousa Santos, 72 anos, precisa de ajuda para fazer transações bancárias. Acompanhada do genro, José Inácio, 56, Eliza conta que usa o celular apenas para se comunicar com os filhos. Ele, por outro lado, é adepto do pix. “Uso desde quando inventaram. Nem sei mais contar dinheiro”, afirma.

Esse movimento mostra que a própria criação de infraestruturas públicas digitais fomentam a busca pela ampliação do acesso e ajudam a moldar a transformação digital do país. “Poucos anos depois de seu lançamento, a pesquisa TIC Domicílios mostra que o pix se tornou a principal forma de pagamento para compras on-line, tendo sido utilizado por 84% dos usuários de internet que compraram produtos ou serviços on-line nos 12 meses anteriores à pesquisa. E o crescimento em relação a 2022 (66%) aconteceu sobretudo entre as classes B, C e DE, com menor acesso a cartão de crédito.”

Linha do tempo

Veja a evolução do pix ao longo de quatro anos

» **2018** — Começa o processo de criação do pix

» **Outubro de 2020** — O sistema é aberto para cadastramento de chaves e testes

» **16 de novembro de 2020** — Lançamento oficial do pix

» **29 de novembro de 2021** — São criadas novas funcionalidades, como o pix saque, pix troco, conta salário pix, pix cobrança e o mecanismo especial de devolução

» **1º de dezembro de 2021** — Começa a leitura de QR Code e agendamento por pix

» **Janeiro a setembro de 2023** — Banco Central registra uma média de cerca de 140 transações do pix feitas por cada cidadão brasileiro

» **Setembro de 2023** — O pix alcança 3,9 bilhões de operações registradas

» **Outubro de 2023** — Modalidade contabiliza cerca de 161 milhões de usuários

» **1º de novembro de 2024** — Entram em vigor as novas regras do pix para tornar as transações mais seguras



Aponte a câmera para o QR Code e confira o especial completo no site do Correio

Infraestrutura

Para André Miceli, coordenador do MBA de Marketing e Negócios Digitais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o maior obstáculo hoje é letramento digital da população, que depende, antes de tudo, de investimento na infraestrutura das redes de telecomunicações e fibra, para que elas cubram uma área maior do território. “O governo precisa tratar de programas de inclusão digital, de curso e de treinamento que capacitem a população no uso dessas tecnologias digitais, nas implicações, nos riscos”, elenca o especialista.

O uso de ferramentas mais simples, como o pix, contribui para a inclusão digital e pode ser uma porta, avalia Miceli, para acessar recursos mais sofisticados. “O pix modernizou e facilitou as transações financeiras, beneficiou milhões de pessoas. Não é raro a gente encontrar na rua população pedindo dinheiro com um pix ou vendendo nos sinais recebendo por pix. Então há, sim, um processo de inclusão digital que beneficiou, mas há também uma exclusão digital que impede que uma parcela significativa da população aproveite as inovações”, resume.